

As ceramistas indígenas do São Francisco

LUIZ SÁVIO DE ALMEIDA

Introdução

OS KARIRI-XOCÓ vivem acentuado problema em sua produção, qual seja, o do esvaziamento de formas tradicionais de geração de renda. O povo Kariri-Xocó é uma sociedade cuja sustentação fundava-se na pesca, agricultura, artesanato na área de cerâmica e venda de força de trabalho. A primeira encontra-se prejudicada pelas transformações no rio de São Francisco, e a segunda, pela falta de recursos destinados à produção agrícola. A cerâmica, por sua vez, vem sofrendo interferências da concorrência industrial, restando apenas a venda da força de trabalho na colheita de arroz para os proprietários de terras da região, mas que, agora, inclusive, está ameaçada pela mecanização, que aos poucos vem sendo introduzida. Pela avaliação de informantes, a disponibilidade de recursos diminuiu e cresceu a população. Disso resultou parte das características de baixa produção e renda que fazem a vida local. O cotidiano é de sobrevivência ditada e regida pela sociedade nacional que circunda e circunstancia a vida Kariri-Xocó, bem como pela resistência que lhe é interposta. No entanto, apesar dos percalços, neste universo, a produção da cerâmica utilitária continua desempenhando papel fundamental na geração de renda.

A cerâmica¹ entre os Kariri-Xocó pode ser subdividida em três ramos: a) potes, painéis e afins, b) tijolos e c) miniatura. Na miniatura tem-se – pelo que conseguimos verificar – apenas um artesão trabalhando, influência de Carrapicho, pequena localidade de tradição ceramista e localizada frente a Penedo². Basicamente, a cerâmica entre os Kariri-Xocó se faz mediante a fabricação de tijolos ou de utensílios domésticos, utilizados pelos índios e brancos da região (na tradição do Kariri-Xocó, o tijolo pode ser considerado como elemento recente). É desnecessário falar sobre a antigüidade da cerâmica entre os índios. A arqueologia está repleta de exemplos que a focalizam. Quando muito – para o desenvolvimento destas notas – cabe-nos tocar em uma condição trivial: a cerâmica se desenvolve em face de possibilidades e necessidades. Em última análise, a disponibilidade de meios e as necessidades fundaram o domínio da tecnologia e do conhecimento que proporcionam a atividade. O artesão será aquele que, construindo instrumentos e operando um determinado conhecimento, produz para uso próprio ou para o mercado. Desse modo, há uma qualificação na força de trabalho e uma propriedade de meios, para que o artesão produza em determinada sociedade.

Ao insistirmos sobre sociedade e artesanato, estamos desejando enfatizar a relação entre os termos e destacando que a atividade artesanal opera no contexto da sociedade em que se realiza. Na medida em que o processo se repete, tem-se a possibilidade de se falar sobre tradição, entendida, aqui, como prática e justificativa do artesanato que se mantém, variando ou não, como algo de interesse do grupo e como elemento em que se define uma determinada linha de atividade econômica, que passa pela racionalização em termos da geração de renda. O que nos interessa aqui, é o que chamaremos de processo desse artesanato, cobrindo o modo como foi operacionalizado e as mudanças ocorridas onde a questão de mercado passa a ser essencial, entendendo que ele é um elemento de ligação entre grupo e sociedade nacional, enfaticamente representada pela sociedade regional.

Uma pequena discussão: a exclusividade

Centramos o foco dessa discussão na cerâmica utilitária (objetos domésticos), uma vez que a produção é exercida por mulheres. Há, no processo de produção dos Kariri-Xocó, a *reserva* de espaço para o grupo feminino na cerâmica; essa é uma das raras possibilidades de se identificar, claramente, a participação das mulheres em atividades produtivas, desde que, no âmbito da geração de renda, as atividades normalmente se encontram difusas no ambiente doméstico. Nesse campo artesanal, elas se encontram claramente demonstradas. Não estamos diante do que poderia ser considerado como algo especificamente Kariri-Xocó. A mesma condição de *reserva* pode ser vista, por exemplo, entre os Kariri, conforme se verifica em texto de Bandeira³. O difuso da renda não se encontra neste tipo de atividade: há nitidez do espaço de produção feminina; a cerâmica é gerada por mulheres que, além de a fabricarem, comercializam-na, existindo apenas uma fase que é marcadamente masculina: a da queima. A mulher interfere na queima com seu trabalho, realizando pequenas tarefas, mas o controle é masculino. Somente conseguimos identificar um caso onde ela é operada por mulher, possivelmente, representando indícios de mudança que estaria sendo processada no âmbito da produção. Desse modo, praticamente todo o circuito da produção fica entregue à mulher Kariri-Xocó.

Ao que tudo indica, essa situação não é verificada em outros centros de cerâmica, no Baixo São Francisco. Na área do agrestado, a pesquisa da Fiplan⁴ menciona apenas a exclusividade feminina, talvez devendo ser considerado, aí, uma herança indígena. No entanto, no que se refere ao Baixo São Francisco, Dantas (1980), que estudou o Carrapicho, por meio da narrativa que faz em torno do barreiro, apresenta um quadro que não seria verificável entre os Kariri-Xocó, salvo quando se pensa nos *lastros* de tijolo:

De segunda a sexta-feira, lá estão os homens trabalhando na extração do barro. Trabalho exaustivo, braçal. Só para homem mesmo. As mulheres ficam ali por perto cuidando do transporte do barro ou cozinhando o almoço do marido. O certo é que o movimento é grande naquele pedacinho

de estrada. É o vaivém das crianças conduzindo animais carregados de bolos de barro. É a conversa animada dos trabalhadores, interrompida pelo ruído surdo das enxadas. É a mulher acorada atiçando o fogo da trempe (p. 11).

Como se pode verificar, no complexo ceramístico de Carrapicho, a mulher não ocupa uma posição central, sendo a presença masculina bem mais acentuada, como no processo de execução do tijolo Kariri-Xocó. É praticamente impossível receber uma explicação das ceramistas para essa exclusividade. Tudo é posto no indistinto do costume; uma delas afirmou que a mulher já nasce nesse *clima*, outra, que a exclusividade é proveniente dos mais velhos. O sistema, portanto, já estaria organizado dessa forma; e talvez por isso, por esse lançamento indistinto na ordem do costume, a razão da exclusividade seria um questionamento que, sob o ponto de vista interno do grupo, não teria qualquer significação. Tudo estaria posto na linha da tradição, entendida aqui como a repetição constante de um padrão. Dois elementos, portanto, estariam incluídos na perspectiva da remessa aos mais velhos: passado e padrão institucionalizado. O fato principal, contudo, está na implicação mútua entre produção e condição feminina. O padrão não estaria dissociado do modo como se define socialmente a mulher Kariri-Xocó, como se definem as expectativas para o cotidiano de suas vidas. Nisso, o local de trabalho chama a nossa atenção.

O espaço doméstico seria privilegiadamente o espaço feminino e o da cerâmica que produzem. Talvez essa situação possa ser traduzida na fala de uma índia: o irmão não poderia ficar sentado dentro de casa. Era até estranha para ela a idéia de vê-lo fazendo potes e panelas. Da mesma forma, o estar em casa e o estar fora dela transparece em outra fala, que aponta o lugar de homem como o da roça, do arroz, do tijolo. Essa definição de lugares vai bem mais além do que a indicação física: envolve atitudes, posições, comportamentos. Uma outra ceramista considerava que era simples a razão de os homens não produzirem pote: era “feio”. Feio no sentido de envergonhar, pois o pote era coisa de mulher. A busca da renda doméstica através de pote e panela se faz a partir da mulher. Isso vem da tradição e ela não pode ser racionalizada, a não ser no nível da estrutura do cotidiano Kariri-Xocó. A escrita dessa tradição está na rede das relações que se desenvolvem e, especialmente, na rede de parentesco que é o grande veículo de viabilização do aprendizado.

Velhos registros

O registro da atividade como feminina, entre os Kariri-Xocó, é antiga; recuando até o século XVIII, conforme se pode verificar em texto de Aires do Casal referente aos Karapotó. Na realidade, as raízes são tão antigas que a memória local não pode situar a origem, sendo lançada no indistinto de um tempo que remete aos troncos. Isso aparece na fala do Cacique Cícero de Souza Santiago. Ele nos remete para um tempo anterior aos jesuítas, para um ligar que a memória

do grupo não mais conserva registro claro. Os jesuítas são um marco histórico, superado pelo imemorial da cerâmica. Disse o Cacique:

A produção da cerâmica é tão velha que nós não sabemos... Nós não sabemos quando começou. Eu acredito que porque em quando foram chegados os primeiros catequeses aqui em 1758 a 1771⁵.

A antigüidade aludida conduz a algo tão indistinto que praticamente esgota a possibilidade de ser situado temporalmente. Então, o conhecimento dos atos e dos fatos têm paradeiro e há um tempo em que a memória não se pode posicionar e isso conduz à longa duração – do ponto de vista temporal – e à profundidade da tradição.

A marca do sagrado

Esse longo tempo de fabricação da cerâmica somente pode ocorrer pelo apelo ao segredo, que sempre fundamenta a percepção do mundo por parte do Kariri-Xocó. É ele um dos pontos da base da identidade do grupo, de sua permanência e mesmo persistência, apesar dos grandes impactos provocados pelos brancos. Por outro lado, é o entranhado entre cerâmica e grupo, o que fundamenta a fala do Cacique: “Eu acho que a cerâmica nasceu com essa comunidade”. Embora o termo comunidade não seja próprio dos Kariri-Xocó, devendo ter sido introduzido mediante o contato com o branco, está, nesse caso, designando o grupo. Desse modo, o ser Kariri-Xocó requer o saber da cerâmica. Como se pode verificar, argumentamos que a tradição pode ser vista como algo sustentado pelo segredo. Essa dupla inserção da cerâmica – segredo e produção – na construção do cotidiano do grupo justifica ideologicamente os costumes que se estabelecem e, dentre eles, a posição da mulher na cerâmica. Para o Kariri-Xocó, tudo existe por haver uma razão de ser e tudo decorre dos contornos e da intimidade do segredo que, ao ser um dado de identidade, é também político.

A sociedade passada e a presente

Há, contudo, na fala do Cacique, uma grande diferenciação entre a sociedade passada e a presente e sobre qual pode dar testemunho. A cerâmica muda na medida em que sobre interferências externas. O conhecimento é permanente, mas as interferências refazem a circunstância da própria cerâmica. Não poderia ser diferente: a tradição encontra-se vinculada às vicissitudes históricas do grupo e afetada pelo branco, especialmente no que diz respeito ao mercado. Segundo o Cacique:

Naquele tempo não era comercializada, porque não tinha por onde comercializar. Não tinha cidade, não tinha lugar de vender; faziam só para usar, usar aquela mercadoria que era louça, panela⁶.

Para ele, então, a cerâmica transforma-se quando a história dos brancos cruza com a dos índios. Era necessária uma rede de consumidores e, onde estava

o consumo, ter-se-ia o local da venda, no amálgama que se procede entre a existência de mercado e a existência do branco. É por essa dependência com o branco que o material passa a ser caracterizado como louça. O barro é refeito e a cerâmica transmuda-se em louçaria, um atributo português, e é nessa etapa que a índia passava a ser uma louceira. Há, portanto, um ponto de transição configurado: é quando aparece o não-índio. Tudo deriva do povoamento e da montagem da matriz de produção. Agora, tinha-se a louça do pote, da panela, da cabaça, pois tudo estava sendo matéria de mercado. Essa articulação entre cerâmica, branco e mercado fica bastante clara quando o Cacique põe a analisar o histórico da cerâmica:

Iniciou quando os povoados, quando não se tinha cidade, os povoados foram crescendo... Foram crescendo os povoados... E eles não sabiam fazer. Só quem sabia eram os índios. Aí, começou a comercialização. Eles vinham, procuravam a aldeia para comprar aquilo. Toda essa coisa era feita pelos índios⁷.

Nesse ponto, surge a dinâmica da ocupação territorial pelo branco a afetar a cerâmica indígena. Esta, que era algo de uso doméstico, passou a ser produzida também para o consumo externo. A tônica da transição deriva da abertura de mercado, o qual seria o marco fundamental de encaminhamento das transformações. Por outro lado, e ainda no campo das colocações do Seu Cícero (o Cacique), a grande mudança no mercado – uma outra fase histórica – acontece em face de transformações na tecnologia branca. Tudo muda, no entanto, na medida em que se tem a introdução, à larga, do alumínio, que vai excluir a utilização do barro na cozinha. Em consequência, houve uma fase que se poderia considerar de expansão e outra de retração do mercado ou de refluxo na demanda branca, em face, sobretudo, da disponibilidade de utensílios em alumínio. Nesse sentido, devemos lembrar, também, que o velho mascate é substituído pela figura do prestamista, que entra em um dos mercados atuais da cerâmica, o rural e que, além disso, agora, o alumínio está disponível a prazo tanto quanto o plástico.

O modo como o Cacique enfoca o histórico do mercado alinha-se com o povoamento e a tecnologia disponível pela sociedade branca. Na medida em que a rede regional de povoamento é estruturada, consolida-se a área de consumo. Segundo informa o Cacique, canoas saíam levando a louça para Penedo, Piassabuçu e outros centros, seguindo por onde o “São Francisco botava água”. O rio era via de exportação e por meio dela era possível atingir todo o meandro de águas grandes e pequenas que faziam os seus banhados. Atualmente, há partes que o rio nem chega mais. Muitos desses pontos eram intermediários; a mercadoria seguia por terra para locais mais distantes, como, por exemplo, Propriá, onde atravessadores a levavam para centros de porte na economia regional como Aracaju; mas levavam também para o interior de Sergipe e de Alagoas. Assim, forma-se, via mercado, o que poderia ser considerado como a geografia da louça Kariri-Xocó.

A intensidade dessa difusão teria diminuído em razão do alumínio. A interferência deste fazia-se presente também na cozinha regional, e por isso, acaba-se a serventia dos objetos produzidos em escala no aldeamento, além da dos tachos para café. Segundo ainda o Cacique, o alumínio pode ser entendido como um emblema do avanço do capital, na consolidação cada vez mais pormenorizada de sua hegemonia, no avassalamento da geração de renda no aldeamento. Com tudo isso, diminui o número de fornos, estando o artesanato definitivamente afetado. A renda que era gerada com a atividade não pode ser dimensionada, mas era considerada grande por parte do Cacique. Fala mesmo que a venda da cerâmica provia o sustento de muitos e os ganhos em geral se davam mediante troca ou venda. Também estas diminuíram em face dos novos termos de montagem do mercado. Ainda existe quem compre – normalmente pessoas de baixa renda no meio rural –, especialmente o pote: grande ou pequeno, quarenta ou vinte litros. O pote chega a 59% (n=44) do total dos objetos produzidos pelas louceiras de acordo com seus depoimentos. A panela chega a 34%. *Grosso modo*, portanto, para cada cem peças produzidas na aldeia, 59 são potes, 34 são panelas e as restantes compõem uma miscelânea artesanal. O pote persiste com tal prevalência – inclusive – por ser ainda importante para as áreas sem abastecimento d'água.

A comercialização

O material produzido pelas louceiras destina-se tanto para a venda como para troca, sendo que a primeira possibilidade é mais marcante no circuito da mercadoria. Nesse contexto, é interessante verificar como se articulam a monetarização e a não-monetarização da atividade. O fato é que, em geral, o freguês da louceira é tão pobre quanto ela e é por isso que se realizam as trocas. Toda a produção, quando não se trata de venda a intermediário, é vendida fora da aldeia. Cerca de 95% do material são levados para outras áreas. O cambista ou atravessador já foi uma figura usual na vida da louceira tendo perdido a ênfase em razão do estreitamento do mercado. O fato de serem muitos pode ser verificado na fala de Maria de Lurdes Tenório:

Eram muitos os compradores; os cambistas como chamamos. Chegava um nesse instante e dizia: “Quero que você faça vinte, dez, quinze ou trinta”. Dava o dinheiro adiantado. Nos pegava o dinheiro adiantado... Já trabalhava, já vendidas. Uns cambistas era daqui mesmo, do Colégio; outros vinham de Piassabuçu, Carrapicho; vinha de lá pra cá pra comprar pote aqui a gente, para vender em Penedo. Vendia mais caro, já que comprava à gente; uns estão aposentados, outros já estão velhos e outros morreram⁸.

Há uma mudança e ela acontece em razão do mercado; quando Maria de Lurdes fala, busca explicações pessoais para a ausência do atravessador: aposenta-se, morre, fica velho. Na verdade, contudo, é a dinâmica econômica que se traduz em quebra na escala da demanda e essa quebra gera uma nova situação, como se pode observar a partir do que Maria Edleuza de Souza conta. O *aqui*

que era a aldeia desloca-se. Quando precisam vender em quantidade, segundo ela, rumam para Propriá, do outro lado do rio. Uma outra mudança fundamental: antes, vender “em grosso” significava encomenda certa mas, atualmente, é preciso que a louceira tenha o material produzido:

Vende aqui mesmo ao cambista. Aqui mesmo não, em Propriá. Antigamente tinha; agora não tem mais não. A gente vai para Propriá e oferece; já tem a louça, diz quantos potes tem: ou cinqüenta ou cem ou duzentos. Aí diz a ele conforme o que ele disser que quer⁹.

De acordo com estes depoimentos, então, a venda dentro da aldeia é praticamente inexistente. É raro aparecer alguém da rua querendo comprar pote queimado conforme Roselita comenta:

É difícil a gente vender por aqui; ninguém vende louça aqui na aldeia. Se aparece uma pessoa pra comprar da rua, aí diz: “Aqui tem pote queimado?” Aí, eu respondo que tem. Ela pergunta quanto é o pote e aí eu digo... Aí, vai e compra um: quatro reais. Ela pode perguntar se tem panela de barro e eu respondo que tem. Ela pergunta se é pra cozinhar feijão e eu respondo novamente que tem. Então ela pergunta o preço e eu digo que é R\$2,50. A panela é pra caber um quilo de arroz; a panela é pra caber um quilo de feijão; é meio-quilo; é pra fazer feijoada. Já sabe a quantidade e aí a pessoa vende um.

A gente faz mais pra vender fora de Colégio; a gente vende em Arapiraca, vende em São Sebastião, vende no interior. Arapiraca e São Sebastião é feira. O transporte para levar é o ônibus. Tem o fardo para pagar, além da passagem¹⁰.

Feitas as peças, a louceira tem de encaminha-lás o mais rápido possível para a venda. Forma grupos, procura conseguir transporte da Prefeitura ou do Posto. Não conseguindo, deve resolver por algum meio de transporte e sai negociando. Geralmente não usa veículos da aldeia tracionados por animais. Como diz Maria Valdeci:

As carroças, os animais no momento em que a gente está trabalhando no barro eles estão fracos, porque o capim vai acabando e eles vão enfraquecendo; a gente tem pena de botar uma besta, um cavalo numa carroça e encher de panela, pote e sair mundo a fora, vendendo, sem saber a hora que vai chegar. Aí fica difícil; aí nos somos mais de trator, caminhão, caçamba, vai pela sorte¹¹.

E continua narrando:

Vendo nas portas, oferecendo. Vamos supor... Digamos que eu venha com um caminhão de louça, aqui para essa aldeia. Eu não conheço ninguém aqui. Quando eu chego bem no centro da aldeia, a gente para, o motorista para, cada um tira cinco, seis, doze peças e aí sai pelas portas e pergunta:

“Mulher, quer comprar pote?” Se ela estiver precisando do pote, ela pergunta: “Qual é o preço do pote?” A feira é mais ruim pra gente, porque a gente vai mais atrás de farinha, feijão; não segura pelo dinheiro não, porque na farinha e no feijão a gente tem mais vantagem¹².

A escolha dos caminhos da comercialização toma a rota dos pequenos povoados, e são muitos os caminhos que podem ser feitos. Foi o que se deu numa viagem por nós acompanhada. O destino foi Salomezinho e, de lá, as louceiras passaram para os Borges, Evangelista e Barra Dantas¹³. No povoado dos Borges elas eram conhecidas: estávamos, portanto, em uma das rotas usuais de comercialização. A familiaridade se revelava, pelo fato de chamarem as pessoas pelo nome, tendo a venda sido rapidamente entabulada: uma das freguesas orientou sobre o melhor caminho que elas deveriam seguir para venderem a louça mais rápido. No prosseguir, continuavam a oferecer os potes e logo apareceu uma mulher com um frango na mão. Valdete achou que estava magro. Disse que desejava trocar, mas por outro. Na verdade, estávamos diante de uma característica essencial da troca: a condição de avaliar. Uma mercadoria tem de ter o seu valor estabelecido em face da outra e a decisão deve ser firme e rápida. A louceira, inclusive, não pode perder tempo, pois necessita retornar o mais breve possível. A prática já estabelece uma correlação entre algumas mercadorias como, por exemplo, determinado tipo de pote valer um *salaminho* de farinha, medida que hoje é tomada em bacia de plástico, mas que se refere à época anterior ao sistema métrico. Segundo Valdete, um *salaminho* equivale a dez litros de farinha.

Esses mesmos caminhos são percorridos por algumas louceiras durante o tempo de inverno. Em vez de irem para os arrozais, saem para a venda de mercadorias como água sanitária e sabão, embora jamais perdem a condição de louceiras para a de mascate. Como se pode verificar, diversas mudanças ocorreram: a cerâmica primitiva foi transformada em cerâmica de mercado e, com isso, a própria vida das louceiras foi mudada, acompanhando os impactos brancos sobre o mundo dos Kariri-Xocó. Basicamente, a renda da louceira provém do pote. O volume estimado para a produção de potes no verão é de 2.730 peças entre grandes e pequenas. A distribuição apresenta uma média de 113 peças, com desvio padrão de ± 61 . Nota-se, por consequência, um acentuado coeficiente de variação e isso já pode ser observado na amplitude total: a menor produção foi de vinte e a maior de duzentos potes, no que se tem, inclusive, a indicação de que algumas louceiras se dedicam mais tempo do que outras à atividade. Tendo em vista o porte de produtor, consideramos a partir dos valores quartílicos que as 25% menores produtoras fazem até 55 peças por mês. As 25% maiores têm uma produção mínima de 170 peças. O preço médio do pote (grande e pequeno) é de R\$2,70 e estimamos o total de produção em R\$7.510,00, em valores maximizados. A produção de panela é menor: um total de 850 unidades. Isso indica como pesa, ainda atualmente, a cerâmica na vida econômica Kariri-Xocó.

Quem são e o que fazem as louceiras

De acordo com informação do Pajé Júlio Queiroz Suiira, existem cerca de trinta mulheres em atividade. Contatamos 26. Elas têm em média de cinquenta anos de idade com desvio padrão de $\pm 11,81$ anos. Para os padrões demográficos dos Kariri-Xocó, podem ser consideradas pessoas idosas. Possivelmente, as faixas mais jovens não estão sendo preparadas ou não assumem a atividade. Estamos diante de um grupo cuja idade mínima consignada foi de 23 anos e a máxima de 77. É necessário repetir que isso corrobora a afirmativa de estarmos diante de idade avançada para os padrões Kariri-Xocó. O fato é que a expectativa de transferência da atividade para as filhas é baixa entre as louceiras. Uma delas, Maria Valdeci, faz uma reflexão elucidativa:

Os meus filhos já conheceram o outro lado da vida; eles conheceram o que não conhecia na época. Há quarenta anos atrás, eu não tinha esse desenvolvimento: os pais pelos filhos. Então, aí, eu procurei dar a eles o que não tive antes; procurei dar estudos, procurei indicar eles em outros movimentos sem ser o barro. No caso, a costura. Não tem ponto que ela não faça. Bordado, faz tricô... Ela estudou, fez o treinamento de enfermeira e depois desse treinamento... Antes ela já sabia costurar; depois ela acrescentou um pontinho, que é fazer croché. É bem melhor do que o barro; o barro acaba com muita gente. Desde os dez anos que trabalho com o barro; sempre trabalhei com minha mãe¹⁴.

Nessa fala da Maria Valdeci aparece o outro lado da vida, tempo que antepõe ao seu no cotejo das gerações. Com isso, ela é capaz de apontar mudanças na vida dos Kariri-Xocó, na medida em que toma sua própria família como referência. E o distanciamento é estabelecido com o barro. Ele é o elemento tomado para caracterizar todo o complexo da louçaria: é personagem em cena e com uma fala determinada. O barro é bem mais do que um elemento físico: é condição de vida. Também Jacira de Alcântara é taxativa quando se refere à família ligada à louçaria. Ela não deseja que as filhas vivam do barro, o qual assume posição de realce no cotidiano das mulheres Kariri-Xocó. Ele incide também no próprio corpo da louceira, como se verifica no depoimento de Jacira Alcântara, ao não desejar que as filhas entrem no mundo da cerâmica. Ela estabelece uma associação entre barro e corpo:

É um serviço muito pesado. Eu não quero que minhas filhas passem a fase que eu passei. É muito barro para amassar; é muitas dores nos ossos. Eu já estou sentindo. Não quero para minhas filhas. Eu só deixo amassar e alisar com a mucunã¹⁵.

Maria de Lurdes Tenório segue a mesma trilha; as filhas não devem continuar. Em maior ou menor escala pode ser dito que todas as louceiras encaram o fardo do trabalho e que esperam outra situação para as filhas. Possivelmente, em

face das circunstâncias mencionadas, a diferença entre o ano de nascimento da louceira e o ano em que iniciam as atividades chegue a 34 anos. Os 25% das louceiras de menor período de produção têm limite superior em 22 anos e os 25% de maior período apresentam-se com limite inferior situado em 44. O valor mediano é de 33 anos de idade. Parece-nos, portanto, que a renovação de quadros não é enfática. No entanto, face ao que ocorre, parece não ser possível ao Kariri-Xocó acabar com a subordinação ao barro. As condições de renda tendem a manter a mulher atrelada ao barro e elas somam essa ligação ao casamento. Pelo que conseguimos verificar, cerca de 7,7% das louceiras são solteiras. É como se o barro fosse uma extensão do casamento, tarefa ligada à renda e manutenção das unidades de família. Assim, a louceira que está articulada à tradição, está, também, articulada ao modo como os Kariri-Xocó constroem a renda familiar. E é essa mesma unidade que a treina, que gera as condições de aprendizado.

A unidade familiar, nesse sentido, é educadora e produtora. O aprendizado se dá no processo de educação não-formal. Tanto é assim que, em 50% dos casos, a louceira aprendeu com a mãe, e somente 23% não mencionam o aprendizado diretamente articulado a uma pessoa da família. Por outro lado, a divisão de trabalho dentro da unidade leva a louceira a ser pouco ajudada, parecendo-nos que o nível da ajuda decorre da sua idade. Maior idade estaria significando falta de condições para a realização das tarefas mais pesadas. O tipo de ajuda varia. Apesar de produzirem diversos tipos de utensílio, a maioria de louceiras fica na escala máxima de dois, no que se tem 80% dos casos. Estamos mais uma vez diante de um indicador de mercado que prioriza pote. No início de tudo, encontra-se o barro da Lagoa Comprida, águas que ficam próximas ao aldeamento. Pelo que se pode notar a partir dos depoimentos, existem diversos tipos de barros, e cada um deles tem a sua própria serventia. O que é utilizado para tijolo, por exemplo, não serve para telha e ambos diferem do que é utilizado no trabalho com potes e panelas. Disso, a louceira tem conhecimento e sabe diferenciar.

Ela vai em busca do barro, levando instrumentos para cavar e para transportar, seja um cesto, uma bacia de plástico, lata, seja qualquer coisa que tenha serventia para tal fim. Quem pode se acomoda com um carro de mão, no que tem maior facilidade de subir a ladeira para volta para casa. No caminho para o barro, a louceira pode ir só ou acompanhada por outras; sai cedo, quando o sol ainda não está forte, tudo com tempo hábil para retorno, pois as tarefas domésticas esperam. A retirada do barro é trabalho penoso e tudo é agravado pelo peso do verão, época privilegiada para a produção, em face de secagem e facilidade de escoamento dos utensílios que, como vimos, demanda os caminhos do interior.

O barro foi ressaltado por Vera Calheiros em seu texto referente aos Kariri-Xocó. Ele foi central, segundo a autora, na sustentação do grupo em diversas fases vividas quando estava na rua São Vicente, antes de reocupar parte da área onde hoje se encontra o aldeamento. Os proprietários de arrozais impediam que as índias fossem retirar o barro. Antônia Farias Silva recorda um dos pontos de

retirada: Lagoa Grande¹⁶. Estamos diante de dois momentos do barro: o da olaria e o da louça. A divisão no tempo é realizada pelo Pajé Júlio¹⁷, filho do Pajé Francisquinho:

Nós não tinha o solo suficiente, porque nós morava na cidade e o solo que tinha suficiente para olaria vivia sob as mãos dos fazendeiros; eles não permitiam. Mas foi quando retomamos aqui a fazenda... Temos solo suficiente para tudo isso e estamos vivendo em grupo e todo o índio não faz porque é um trabalho pesado. Eu na minha idade não agüento mais bater tijolo, mas esses novos bate: no verão, a sobrevivência deles é para isso. A olaria começou desde quando estamos aqui e a louça não: a louça usa ela antes. A louça gasta muito, mas o tijolo gasta mais.

Como já comentamos, existem diversos tipos de barro: tijolo, telha, louça. Na louça, também ele se diferencia, segundo o material a ser produzido. Segundo Valdeci¹⁸, existe o que é próprio para o pote e o que é próprio para panela. Ainda segundo suas informações, existem duas reservas nas terras Kariri-Xocó: a da Lagoa Comprida e a que fica na estrada que parte em direção ao Ouricuri, onde se encontra o barro para a panela. Diz ela:

O pote como barro é diferente: ele não agüenta fogo. Se a gente pegar o barro de pote, fazer uma panela, colocar água e levar fogo, ele se abre. O pote é mais para água, pra esfriar água¹⁹.

Segundo Valdete, o barro para pote é recolhido na ribanceira, lugar, portanto, distante da margem da lagoa. É lá onde se cava o buraco e vai aparecendo o barro de cima, barro sem serventia pois não levanta o pote: ele vai sendo depositado em torno do buraco, formando a borda. O que vai ser retirado é o barro de baixo: esse barro é o próprio para pote. Alguns entendem a divisão do barro por cores. Antônio Farias da Silva²⁰ diz existirem o preto e o amarelo. Na sua opinião, o amarelo é o melhor pois o preto quebra muito, opinião que coincide com a de Maria de Lurdes Tenório²¹: ela considera que o preto trinca com facilidade. Os dois tipos são encontrados na Lagoa Comprida.

O barro é retirado em tora ou raspado (cortado fino); na tora, quando é seco, e raspado, quando é mole, sendo, então, transportado para o local de residência da louceira. Segundo Valdete, sendo de tora, ela coloca água ao chegar em casa e, sendo raspado, coloca para secar na calçada. Depois de seco, vai para um buraco de mais ou menos um palmo de fundura. O buraco é forrado e coloca-se o barro em cima dessa cobertura para protegê-lo de sujeiras como galho, pedras... Se o lugar não for sujo, coloca-se areia no fundo. Valdete considera que o barro seco somente amolece bem quando é colocado no buraco. O barro seco, antes de ser armazenado e molhado, é quebrado em pequenos pedaços. Um passo-chave nesse processo consiste em despincar, tirando as impurezas. É isso o que vai garantir a qualidade do barro e da própria peça a ser trabalhada. Pronto

o barro, junta-se a areia. A considerada boa por algumas louceiras fica na estrada do Ouricuri, mas há também a do Portal, embora não seja de primeira: muitas louceiras não gostam da qualidade. A areia vai sendo agregada e a mistura amassada aos poucos. Somente depois de bem amassada é que se faz a ruma e, então, o frojamento. A ruma é uma quantidade de barro para fazer os potes planejados. Por causa da diferença entre os barros, a louceira ou faz pote ou faz panela.

Roselita, por exemplo, costuma pegar às oito horas da manhã até para mais de nove, mas essa não é uma atividade diária, pois ficaria sem tempo para as tarefas domésticas. Maria de Souza Pires fala que costumam começar às sete da manhã e terminar às quatro da tarde. Tem louceira, nesse intervalo, que costuma fazer de dez a quinze potes por dia. Sucintamente, o fabrico do pote é narrado por Roselita:

A gente senta no chão – aqui é o assento e aqui a ruma de barro a meu lado – e aí a gente vai e tira o barro aqui e joga na mão e bate ele; na perna, com as mãos vai modelando e aí bota aqui de novo, em frente à mão e aí vai modelando. Quando cresce um pouco, a gente senta aqui no assento; aqui ela vai rodando e a gente puxando.

Sobre esse processo, acrescenta Naci Nunes:

Frojar é um bolo. Ele é comprido. Aí vai, pego o bolo de barro, aí bota no assento. Aí, vai levantado com a mão. Aí nos pegamos a paêta e aí passa no fundo do pote. Aí, pega o bolo do barro e vai batendo; isso aqui a gente faz pote de todo tipo. Vai batendo o bolo de barro ou frojando até formar o pote. Aqui a gente bota no assento, aí nos puxamos assim e vamo tirando assim e fica grande. Aí passa a paíeta no fundo, pára puxar e ficar igual ao assento. Vai puxando ao redor dele; aí a gente vai de novo puxando com a paêta do fundo pra cima. Aí pega outra torcida de barro e bota aqui para ele ficar grande. O purrão, eu faço o bolo maior. Aí a gente vai botando tira, botando tira, fica desse tamanho.

Alguns outros depoimentos complementam informações sobre os processos. Diz Valdete:

Depois da ruma eu vou frojar o pote; vou desmanchar aquela ruma todinha em vinte, vinte e cinco potes. Quando eu acabar de frojar, aí eles já estão meio durinhos; aí eu vou embojar. Tem que enxugar; se for estiado eu vou embojando e botando lá; quando eu acabo de embojar o derradeiro, os primeiros já estão bom de botar a boca.

Consoante Roselita:

Pega uma tira de barro e prega no bojo; a gente passa a mão por dentro, que esse barro aqui tem que unir com a boca, o barro do bojo. Se não unir, fica o bojo e a boca na mão. Pega uma paêta de boca comprida e aí a gente vai fechando, fechando, que quando a gente fica fechando aqui assim, a

gente pega a mão molhada aí froja aqui; quando acaba de cortar, aí passa o dedo assim, ao redor da boca pra ficar todo igual. Esse dedo come o barro pra ficar todo igual; aí, pega o pano que está no copo d'água. O pano é melado de barro; pega ele aqui, espreme um pouco, aí bota ao redor da boca; aí, vira a boca dele; aí ele fica com o beijo virado.

Depois da boca, é que se vai capear o bojo. Maria Edleuza de Souza define capear como usar um instrumento – que ela faz com ferro de barrica – para delicadamente raspar a peça, afinando-a, dando-lhe lisura e ao mesmo tempo refinando a forma. Não pode ficar qualquer impureza. O Cacique resume:

Ele ficou grosso, ele não ficou no ponto de agüentar fogo, porque se você fizer ele muito grosso, quando ele bater dentro do forno, ele poca. Aí, você vai capear, tirar metade daquele barro. Você vai tirando com o capeador. Quando você acabou de tirar, está na hora mesmo; aí você vai pegar a paêta e aí vai para o meio para transformar ele, alisar ele todinho. Depois que capeia, tem de assentar.

Quando termina, a louceira molha toda a peça com a mão e, usando o capeador, assenta o barro para que ele fique liso, dando assim o acabamento e retirando, por exemplo, os buracos que porventura fiquem no corpo da peça. O passo seguinte é o da secagem e, logo após ela ser iniciada, passa-se o tauá amarelo, o qual, segundo Maria de Souza Pires, é apanhado na beira da lagoa, em um lugar que ela chama de “canto de tirar tauá”. O tauá é colocado em uma panela com água até que se forme uma calda grossa. Pega-se um pano, coloca-se dentro do recipiente e depois ele é passado no pote. Maria de Souza Pires descreve:

A tinta para mudar ele de cor é o tauá. É um outro barro. Pega o tauá coloca dentro do mainté, que é onde fica a água. Só que para fazer esse movimento, como para dar a cor no pote, aí é outro pano. Você vem com aquele pano, quando acabar passa no pote aquele pano molhado com aquele tauá e ele fica amarelo.

Depois de se ter passado o tauá, tem-se o alisamento com a mucunã, sempre também conhecida como olho de boi. A mucunã é constantemente molhada com saliva. Não se tem qualquer explicação para seu uso. Diz o Cacique:

A mucunã é uma fruta que a gente chama de olho de boi e tem no mato. Aí, você pega e vai alisar. Não tem nada... Até hoje nada disso foi modificado de nossos primitivos; até hoje nunca se encontrou uma coisa que fizesse isso, a não ser com aquilo. A paêta é a mesma, o capeador é o mesmo e a mucunã é a mesma mucunã.

Depois de preparado o pote, ele é posto para secar à sombra, de modo que não venha a rachar, caso fosse colocado imediatamente sob o sol. Depois de seca, a peça vai para a queima. Algumas louceiras, após a secagem, pintam os potes, ornamentam-nos, com um barro branco retirado no Maraba. O barro é posto na

*Retocando o pote.*

água; quando amolece, a louceira pega um pavio de algodão e coloca dentro do caco. O pote então é pintado, sem seguir um padrão de decoração. Algumas pessoas consideram que o pote pintado não esfria a água e, por isso, não é feito constantemente. Uma das poucas a pintar é Roselita, que desenha peixes, margaridas, cocadinha, bicos, renda...

Um regresso ao sagrado

As notas transcritas neste texto centralizam-se basicamente no barro e, com ele, a cerâmica, a questão da renda e um detalhe do perfil do cotidiano Kariri-Xocó, definitivamente atrelado à sociedade nacional capitalista que circunscreve a vida do aldeamento. Aparentemente, estamos apenas diante da ordem da produção, mas o sagrado perpassa todo esse univer-

so, como se a própria ordem da sobrevivência o demandasse enfaticamente. Produção e sagrado são elementos que se colocam no âmbito da tradição e dizem respeito às origens. Na fala indígena, pelo que dela conseguimos depreender, tradições e raízes são elementos que se interpenetram e que se encontram em processo étnico, entendendo-se, como tal, o refazer permanente da identidade, a sua construção. Esse sagrado tem diversas dimensões na vida Kariri-Xocó e dois grandes aportes o constroem: aquilo que é colocado na categoria do Ouricuri e o lastro da pregação católica. Exemplo disso é o fato de serem feitas orações

*Pintando o pote.*

antes do início do trabalho, pois elas afastam o “olho grande”, que pode levar a um trabalho *sem coragem*, em outras palavras, não ter forças para *bater* o barro, fazendo algo arrastado, devagar, sem motivação. O “olho grande” interfere, diminui a renda, invade a pessoa da louceira e, então, instala-se dentro do processo da produção, do ato de *frojar*. Nesse mesmo sentido é utilizado o galho da arruda: ele é posto no cabelo com uma parte à mostra, quem o vê logo sabe que o mau olhado não terá efeito algum. Essa proteção colocada em prática é diária, constante, e está bastante presente na vida da aldeia que lida com o segredo do Ouricuri e com os mistérios da Trindade católica. Embora estivesse junto ao corpo, meio escondido, meio visto, um pedaço de arruda poderia estar dentro de um pote, para que a louceira não perca a oportunidade de um negócio. Vendido o pote, ela tira o ramo e o coloca em outro e assim sucessivamente, de modo que a arruda entra no mercado e tudo se mantém intrinsecamente vinculado ao sagrado.

A louceira evita trabalhar em dia santificado e jamais faz potes nas suas permanências no Ouricuri. Não se trabalha em dia que se louva São Brás, Santos Reis e Santa Luzia. São Brás protege contra o engasgo de uma espinha de peixe; Santa Luzia ter a ver com os olhos. Não se deve trabalhar, também, no dia do Coração de Jesus e do Corpo de Deus. Nada impede, porém, que se venda o material, que se leve pote queimado para o mercado. Nesse vender, há proteção, mas no fazer se fica à mercê de algum castigo. Pode-se observar como o chamado passado está constantemente presente no mundo do dia a dia Kariri-Xocó²².

No conjunto da vida Kariri-Xocó, tem-se dois momentos em que fica acentuada e coletivamente clara a posição feminina. Na produção, é a cerâmica, e no que respeita à religião, é o Ouricuri. O destaque da participação feminina na cerâmica é imemorial e fundamental para a sustentação econômica Kariri-Xocó. É vista como renda e como fardo a carregar, coisa que não se deseja transmitir aos filhos. Renda e sofrimento estão associados diretamente.

Notas

- 1 Lima (1982, p. 24), subdivide a cerâmica em utilitária, lúdica e ornamental. Uma classificação bem mais elaborada pode ser encontrada em Ribeiro, 1989.
- 2 Dantas (1987), ao fazer um repasse da distribuição geográfica do artesanato nas Alagoas, menciona o de couro no sertão e refere-se à área do São Francisco como centro ceramista. Evidentemente, a autora não isola a cerâmica nessa região, simplesmente levanta a concentração. A cerâmica ocorre na mata e nos agrestados, como em Anadia, Limoeiro de Anadia, Taquarana, Girau do Ponciano. Para a menção às demais áreas do Estado, ver Fundação Instituto de Planejamento do Estado de Alagoas.
- 3 Bandeira, 1972, p. 70: “Cerâmica é uma especialização feminina, passa de mãe para filha. As meninas desde cedo ajudam a mãe e acabam por aprender as técnicas. Quando a mãe não sabe, a filha não aprende com outra mulher. As mulheres que se dedicam à confecção da cerâmica são chamadas de louceiras. Há louceiras em todos os

núcleos com frequência muito maior na Cacimba Seca, Lagoa Grande e Baixa da Cangalha”. Aliás, o fantástico de Hans Staden já se referia a essa reserva entre os Tupinambás, conforme se lê em Borba Filho, Hermilo e Rodrigues, 1969, p. 22.

4 Fiflan, ano?

5 16.9.1997, Aldeia Kariri-Xocó.

6 *Idem.*

7 *Idem.*

8 9.1997. Aldeia Kariri-Xocó.

9 16.9.1997. Aldeia Kariri-Xocó.

10 17.9.1997. Aldeia Kariri-Xocó.

11 17.9.1997. Aldeia Kariri-Xocó.

12 *Idem.*

13 As informações estão contidas no Diário de Adriana Lins de Gusmão.

14 9.1997. Aldeia Kariri-Xocó

15 *Idem.*

16 10.1997. Aldeia Kariri-Xocó.

17 Depoimento mencionado.

18 *Idem.*

19 *Idem.*

20 *Idem.*

21 *Idem.*

22 Para a questão do sagrado Kariri-Xocó é interessante ler Danúzia Tavares dos Santos, também bolsista de Iniciação Científica, sobre elementos católicos na religiosidade Kariri-Xocó. O texto decorre do projeto Cotidiano Kariri-Xocó e estuda as ligações entre o Ouricuri e o catolicismo.

RESUMO – OS KARIRI-XOCÓ localizam-se no Baixo São Francisco, Estado de Alagoas no nordeste do Brasil. A cerâmica utilitária é uma das atividades básicas enquanto geração de renda, sendo produzida e comercializada por mulheres. O texto é uma nota prévia sobre a história desta cerâmica, abordando o dia a dia, as expectativas e a condição de vida das louceiras.

ABSTRACT – THE KARIRI-XOCÓ inhabit the lower São Francisco region in the state of Alagoas, in northeastern Brazil. Utilitarian pottery is one of their basic income-generating activities and the ceramic artifacts are produced and marketed by women. This essay is a foreword on the history of this kind of ceramics and depicts the day-to-day of the potters, their expectations and their way of living.

Luiz Sávio de Almeida é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas. Este trabalho contou com a participação de Adriana Lins de Gusmão, aluna de História da Universidade Federal de Alagoas e bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq.

Texto recebido e aceito para publicação em 24 de julho de 2003.